

## JOSÉ DE LACERDA (1861-1911). ENTRE A MEDICINA E AS LETRAS: RETRATO DE UM DILETANTE NOS TEMPOS DO POSITIVISMO.

ANTÓNIO J. RAMALHO\*

Irmão do homem a quem foi atribuída a frase «Ou a Fragueira, ou Paris» (referência à Fajã da Fragueira em São Jorge), José de Lacerda (Ribeira Seca, 21 de Julho de 1861 – Estoril, 12 de Julho de 1911) conheceu uma posteridade muito comum entre os literatos diletantes do século XIX: a obscuridade. Na sombra do irmão - o maestro Francisco de Lacerda (1869-1934) - o médico e psiquiatra José Caetano de Sousa e Lacerda, amigo e discípulo de Sousa Martins, é hoje praticamente desconhecido. Até a autoria de *Flor de Pantano* (1891), a sua principal obra poética, é atribuída, na Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE), ao homónimo, e frade agostinho, José de Lacerda (1802-1877).

Também a *Wikipédia*, a enciclopédia livre, abona, erradamente, como causa de morte de José de Lacerda, a tuberculose, certamente por sugestão da doença que vitimou as suas duas mulheres, as irmãs Estefânia Beatriz e Maria Doroteia Pereira da Silveira e Sousa:

Tal como o seu irmão Francisco de Lacerda [que, de facto, sofreu de tuberculose], José de Lacerda faleceu aos 50 anos depois de uma longa e debilitante luta contra a tuberculose pulmonar. Foi sucessivamente casado com Doroteia e Estefânia Pereira da Silveira e Sousa, filhas do grande proprietário e deputado jorgense Joaquim José Pereira da

---

\* Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Silveira e Sousa, ambas falecidas muito jovens, também vítimas da tuberculose<sup>1</sup>.

Por casamento, José de Lacerda era um dos mais ricos proprietários da Ilha de São Jorge. As duas mulheres, Estefânia Beatriz e Maria Doroteia Pereira da Silveira e Sousa, com quem casou consecutivamente, herdaram o património do pai, o Dr. Joaquim José Pereira da Silveira e Sousa, e do tio, o Dr. António José Pereira da Silveira e Sousa<sup>2</sup>. Se atendermos à enumeração dos valores da contribuição predial constantes no recenseamento eleitoral de 1900, verificamos que José Caetano de Sousa e Lacerda, 38 anos, casado, médico, proprietário, quando em São Jorge residente na Urzelina, paga 215\$742 (duzentos e quinze mil réis) de imposto, sendo o segundo maior contribuinte predial do concelho, logo atrás de José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa, 76 anos, viúvo, proprietário, residente nas Velas, com 242\$240 (duzentos e quarenta e dois mil réis)<sup>3</sup>.

O casamento e a gestão do património fundiário familiar, bem com um espírito de esteta diletante e erudito, talvez expliquem o facto de José de Lacerda apenas ter concluído a formação na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (actual Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa) em 1894, i.e., com 33 anos, uma idade tardia relativamente invulgar para a época. Contudo, com essa idade tinha já publicado, ainda estudante, dois livros de poemas *Hecatombe* (1888) e *Flor de Pântano* (1891), bem como a tradução de poemas de Henrich Heine e, logo depois da formatura, a tese de curso: *Os Neurasténicos* (1895).

A propriedade e a ligação a uma família influente e com uma boa rede de contactos no meio político local fê-lo aventurar-se numa candidatura a deputado

---

1 Carta de João Caetano de Sousa e Lacerda a Francisco de Lacerda (14 de Setembro de 1904): «Não sei positivamente qual seja a sua moléstia. Ele fala de neurastenia e de complicações cardíacas, isto é de coisas que eu não entendo. Podes fazer ideia do quanto nos tem apoquentado estas coisas» in João Caetano de Sousa e LACERDA (introd., fixação do texto e notas por Teresa e José Bettencourt da CÂMARA), *Cartas a Francisco de Lacerda*, Angra do Heroísmo, Dir. Reg. dos Assuntos Culturais, 1988, p. 185.

2 Joaquim José Pereira da Silveira e Sousa nasceu nas Velas, a 17 de Fevereiro de 1796. Era bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi presidente da Câmara Municipal das Velas, administrador do mesmo concelho, vereador em sucessivos biénios, governador civil do distrito da Horta em 1849-1850, deputado às Cortes pelo distrito de Angra em 1850-1851, alinhado com o partido Cartista de Costa Cabral. Posteriormente, e até à década de 1860, foi o chefe do Partido Regenerador nas Velas. Casou na Urzelina *in articulo mortis*, a 22 de Abril de 1870 com D. Marta Joaquina da Silveira, natural das Manadas, filha de Gabriel José de Bettencourt e de sua mulher Maria Emília de Bettencourt. Faleceu a 1 de Maio de 1870, na Urzelina, onde está enterrado num jazigo no cemitério velho juntamente com sua mulher e filhas.

3 Não constam na lista os Teixeira Soares de Sousa, pois a fortuna estava então na posse de uma mulher, a viscondessa de São Mateus.

nas eleições de 1901, pelo Partido Regenerador. Estas andanças não deixaram contudo de ser criticadas pelo pai, João Caetano de Sousa e Lacerda que preferia vê-lo como um *gentleman farmer*, dedicado aos melhoramentos técnicos e agrícolas das suas propriedades. José de Lacerda foi eleito sem grande oposição e participou na legislatura de 1902-1904, tendo prestado juramento a 8 de Janeiro de 1902. Em 1903, era igualmente médico no Hospital de São José, em Lisboa. Na sessão de 2 de Abril 1902, fez um longo discurso em que descreveu minuciosamente a situação social e económica do arquipélago, assim como as suas principais necessidades. O discurso recebeu os maiores elogios de Hintze Ribeiro, então chefe do Partido Regenerador e foi, posteriormente, publicado<sup>4</sup>. Estava estabelecido o seu lugar como político erudito e de boa oratória, duas das características que ajudavam a firmar uma carreira parlamentar. Contudo, a sua passagem pelo Parlamento foi discreta. Representou as ilhas do distrito de Angra, funcionando como veículo das reivindicações locais e foi eleito para a comissão de saúde pública e para a comissão das petições. Não se lhe conhecem, contudo, iniciativas a nível legislativo<sup>5</sup>. A política e o Parlamento devem ter sido uma desilusão, pois em 1910 José de Lacerda estava a colaborar na revista intelectual republicana *Alma Nacional*, dirigida por António José de Almeida. Aliás, durante estes anos, José de Lacerda escreveu ocasionalmente em vários jornais, como por exemplo *A Folha - Jornal Literário, Noticioso e Comercial*, publicado em Ponta Delgada e dirigido por Alice Moderno.

Durante alguns anos, José de Lacerda tentou enveredar por uma carreira médica. Exerceu no Hospital de S. José, em Lisboa, e foi assistente de Doenças Mentais em Rilhãfoles. Colaborou também em vários periódicos da especialidade, como por exemplo, *A Medicina Contemporânea* e o *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas*, tendo feito parte do corpo redactorial dos *Arquivos de Medicina*, publicados sob a direcção de Câmara Pestana, onde escreveu artigos sobre Hipnologia<sup>6</sup>. Em 1901, é convidado a concorrer ao lugar de professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, escrevendo para esse concurso, em apenas cinco

---

4 José de LACERDA, *Algumas palavras sobre interesses açorianos pronunciadas na Câmara dos Deputados e ampliadas depois, com ligeiras notas a respeito do parlamentarismo português, e sobre a origem geológica, a situação geográfica, o clima, a flora, a fauna terrestre e marítima, o descobrimento, a colonização e a navegação do arquipélago dos Açores*, Lisboa, Livraria Rodrigues e Co., 1902.

5 Paulo Silveira e SOUSA, «José Caetano de Sousa e Lacerda», in M. Filomena MÓNICA (dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, Lisboa, Assembleia da República, vol. II, 2005, p. 479.

6 José Morgado PEREIRA, «A obra de José de Lacerda e a evolução do pensamento médico», in *Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI. Cadernos de Cultura*, n.º XVIII, 2004, p. 54.

semanas, a tese *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral* (1901). Esta actividade intensa, erudita e multifacetada, não teve contudo um objecto principal, nem um caminho óbvio.

Do carácter assistemático do irmão se queixará Francisco de Lacerda na correspondência com o pai. Numa das cartas publicadas por José Bettencourt da Câmara («Eça de Queirós e Francisco de Lacerda») na revista *Colóquio/Letras* (n.º 134, Out. 1994, p. 73-83), Francisco de Lacerda queixa-se ao pai, João Caetano de Sousa e Lacerda, com amarga surpresa, do descaso e indolência do irmão que, depois de ter aceite interessar-se pelo empenho que permitiria prolongar por um ano a estada de Francisco de Lacerda em Paris, como pensionista do Estado, nada faz nesse sentido (Março de 1899). Posteriormente, José e Francisco de Lacerda têm um desentendimento grave, rompendo relações (1905).

Além de poeta, médico, jornalista (é um dos fundadores do jornal *Actualidades*, em Lisboa, em 1895 e colabora no jornal *Alma Nacional* em 1910) e político, José de Lacerda demonstrou, noutras ocasiões, ser um homem multifacetado e empreendedor. Para além da sua actividade como médico psiquiatra e literato, e talvez inspirado pelos sanatórios alpinos por onde acompanhou Maria Doroteia e Estefânia Beatriz (esta última morre num hospital em Davos, Suíça, em 2 de Janeiro de 1909), José de Lacerda acalenta, cerca de 1910, o projecto de fazer construir, no Alto do Estoril, o Hotel de Saúde ou Alto Estoril Sanatorium.

Segundo Nuno José Almeida Magalhães, em *A Obra do Arquitecto Álvaro Machado*, o Hotel de Saúde foi idealizado por três médicos, qualquer um deles uma sumidade na sua área de especialização: Francisco Gentil, Carlos Belo de Moraes e José de Lacerda. Francisco Gentil e Carlos Belo de Moraes eram personagens destacadas no contexto da medicina portuguesa, o que atesta a proeminência de José de Lacerda. Francisco Gentil (1878-1964) foi um dos principais impulsionadores da criação do Instituto Português de Oncologia, tendo o seu nome ficado ligado ao instituto. Entre 1905 a 1948, foi professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, além de ter ocupado o cargo de director da instituição entre os anos de 1915 e 1918 e foi enfermeiro-mor dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Carlos Belo de Moraes foi director da Faculdade de Medicina de Lisboa (1911-1915), director do Hospital de Santa Marta e enfermeiro-mor dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Tal como José de Lacerda, foi discípulo de Sousa Martins.

A estratégia empresarial do Hotel de Saúde ou Alto Estoril Sanatorium assenta na concepção de um edifício de carácter híbrido, ou seja, e como o próprio nome sugere, um sanatório com a aparência, requinte e conforto de um grande hotel destinado ao tratamento e recuperação de doenças ortopédicas. A construção estava prevista para um terreno no Estoril, onde o horizonte era privilegiado. Para o projecto, os promotores chamaram o arquitecto Álvaro Machado que na

época contava com a experiência da Casa de Saúde Portugal-Brasil, em Benfica. Todavia, o Hotel de Saúde não era a primeira encomenda de José de Lacerda ao arquitecto Álvaro Machado (autor do edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes e representante quer da Arte Nova, quer do ecletismo arquitectónico finissecular). Em 1907, Lacerda encomendara a Machado o projecto para a sua residência de veraneio e o Bairro das Roseiras, que não ficou concluído, por morte do promotor, uma e outro localizados, igualmente, no Alto do Estoril:

O projecto para a construção desta casa foi encomendado pelo Sr. Dr. José de Lacerda ao arquitecto Álvaro Machado. O edifício a construir, num terreno no Estoril, seria o domicílio do distinto senhor e da sua família. O programa funcional, que incluía um número razoável de quartos, reflectia os requisitos de uma família que privilegiava espaços acolhedores e de fácil operatividade. [...] A construção do Bairro das Roseiras visava o rendimento imobiliário do seu promotor, o Dr. José de Lacerda. No entanto, a morte prematura do seu proprietário e mentor, em 1911, obrigou a que a construção do complexo ficasse pelo primeiro dos três grupos de habitações<sup>7</sup>.

A memória de José de Lacerda como patrono da arquitectura de Álvaro Machado está assegurada, mas a sua obscuridade literária não é de todo merecida, pois como escreveu o poeta açoriano Pedro da Silveira, *Flor de Pantano* «é um livro acima do banal», expeditamente descrito pelos críticos como «poesia científica» graças às «expressões paramédicas contidas nos poemas». José de Lacerda não se reduz a um estereótipo e na sua obra manipula com ironia (o título de um dos seus poemas) os tópicos próprios da poesia simbolista e o vocabulário positivista e «científico» do seu tempo. Entre a ilha e o mundo, José de Lacerda construiu uma pequena obra poética que merece ser redescoberta, bem como os seus estudos médicos *Esboços de Patologia Social* (1901) e *Os Neurasténicos* (1895)<sup>8</sup>.

Se *Flor de Pantano* «é um livro acima do banal», expeditamente explicado pelos críticos como «poesia científica» graças às «expressões paramédicas contidas nos poemas», a responsabilidade divide-se entre o autor e os críticos. Talvez

---

7 Nuno José Almeida MAGALHÃES, *A Obra do Arquitecto Álvaro Machado* [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE, 2007, p. 141 e 147.

8 Sobre a obra médica de José de Lacerda ver José Morgado PEREIRA, «A obra de José de Lacerda e a evolução do pensamento médico», in *Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI. Cadernos de Cultura*, n.º XVIII, 2004, pp. 54-57 e numa perspectiva de conjunto sobre o pensamento médico ver também Manuel CURADO, «A descoberta do inconsciente no século XIX português», *Diacrítica - série Filosofia e Cultura*, n.º 26/2, 2012, pp. 157-182.

os críticos tenham lido apressadamente *Flor de Pantano*, mas a verdade é que José de Lacerda usa repetidamente um vocabulário e uma estratégia autoral que sugerem essa interpretação. Do vocabulário destacamos, sem carácter sistemático e só no primeiro poema do livro («Sombra»): doce letargia, espasmo comovente, lirismo bilioso, organismo febril, fantasias de demente, quimismo nervoso, bravuras de alucinado, cúmulo de nevrose e histérico anseio pelo túmulo.

A estratégia autoral, igualmente apresentada em «Sombra», o poema inicial de *Flor de Pantano*, é uma ficção retórica que consiste em atribuir a outrem a autoria moral de alguns poemas: «dos gozos e lutas dolorosas/ do poeta, esbocei um leve esquema:/ - estas *notas* fiéis, irrespeitosas, // engrenadas em forma de poema». No poema «Romantismo», o artifício reaparece: «Transcrevo, do poeta, alguns versos banais,/ pobres de sentimento,/ ricos em desalento;/ - a lágrima rimada, insulsa, dos jornais». Esta estratégia retórica permite contrapor José de Lacerda-poeta a José de Lacerda-médico: «purpurinas, febris, de alucinado,/ n'um estilo vulcânico, fremente./ Uma mulher diria: - Apaixonado!// E um médico diria: - É um doente».

A obra de José de Lacerda manipula, entre outros, os *clichés* associados à poesia oitocentista na sua passagem do Romantismo para o Naturalismo. Escreve no poema intitulado «Ironia»: «Deixou o romantismo, as pardas fantasias,/ e passou a fazer culturas de ironias/ assim como quem faz culturas de bactérias./ Publica, nos jornais, os vírus – as pilhérias».

Em «No Hospital», Lacerda elabora um *tour de force*, que vai da sopa primordial, da Teoria da Evolução de Charles Darwin e do Positivismo (Eu já fui lodo, lama,/ um veneno talvez. Porque passei/ ao turbilhão da Vida, e suporrei/ as fases d'esta chama?) até à ideia de decadência e degeneração da raça:

Meu desespero – acalma!/ E tu – Terra – ó fera sem rugido,/ assimila o  
cobarde apodrecido,/ com sífilis na alma!// Alma sífilada,/ ramo podre  
da arvore da Vida,/ nota final da musica gemida/ na geração passada, //  
cadinho resfriado/onde a química da Vida se perverte,/extravagante  
maquinismo inerte,/ eu sou! – Um condenado, //ridícula carcaça,/ a per-  
versão da Arte e da Ciência,/a fiel expressão da decadência/ da minha  
pobre raça!

Ao contrário do que possa parecer, a poesia de José de Lacerda não é isenta de humor e mordacidade. No supracitado poema «Ironia», Lacerda «transcreve» páginas de um suposto literato, desertor do Romantismo, «que adora a Moda e o Rum; tem idiossincrasia por Michelet; namora, e faz pornografia». Inserido no poema, surge um conto alegadamente escrito pelo poeta nunca nomeado: «O

Conde de H.». O conde é um «aristocrata e velho, rico e conde», exemplo de uma «vencida raça moribunda» que casa com a filha de um ministro. A infertilidade leva o casal a procurar o conselho de um médico, que receita uma longa viagem de recreio. Depois da Suíça e da Alemanha, os aristocratas instalam-se em Paris, onde a condessa toma, como escudeiro, «um calado bretão,/ alvo, d'olhos azuis, cabelos d'oiro,/ robusto como um toiro/ e fiel como um cão». De regresso a Portugal, o conde anuncia a gravidez da mulher. E, assim, ironicamente, de França vem «uma rósea criança/ - alva, d'olhos azuis, cabelos d'oiro... - / O conde é mais moreno do que um moiro».

Este cómico apontamento de infidelidade conjugal (bem como o conto «O Padre Confessor», cujos escrúpulos teológicos são aniquilados pela presença de uma bela noviça, segredando à penitente: «Beijar... não é pecado!») insere-se na análise literária dos fenómenos de «patologia social» (*Esboços de Patologia Social* é o título do ensaio de José de Lacerda, datado de 1901) e, curiosamente, o nome que o escritor naturalista Abel Botelho deu ao conjunto das obras onde pretendia descrever cientificamente os males que assolavam a sociedade portuguesa. O romance mais famoso da série é justamente *O Barão de Lavos* (1891), o primeiro livro a debruçar-se, juntamente com *O Crime do Padre Amaro* (1875), com a personagem de Libaninho, sobre a realidade da homossexualidade em Portugal<sup>9</sup>.

Devedor da temática da partida, o universo de José de Lacerda é feito de referências mundanas (Lisboa, Espanha, França, Índia) e ilustrado por significativas leituras cosmopolitas (William Blake<sup>10</sup>, Cesário Verde e o nascente pensamento psiquiátrico e positivista). A ausência de referências explícitas à Ilha de São Jorge, ou aos Açores, na poesia de *Flor de Pantano* não deve surpreender. Afinal, estamos na presença de um espírito viajado, praticante de psiquiatria (uma especialidade na vanguarda do conhecimento médico), poeta que adopta os temas e assuntos das correntes estéticas do seu tempo.

O testemunho no *In Memoriam* (1904) de Sousa Martins é uma peça literária de grande qualidade, reveladora de uma consciência aberta e crítica, de uma retórica clara e refinada, que não escamoteia, numa época de preconceitos facilmente arreigados as supostas origens africanas do mestre e amigo Sousa Martins:

---

9 Anna M. KLOBUCKA, «Regarding Libaninho: The Spectacle of Homosexuality in *O Crime do Padre Amaro*» Colóquio Portugal 800, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 6 e 7 de Junho de 2013 [Conferência].

10 É nossa convicção que o poema «Pantheísmo» (1891) é devedor da leitura do poema «The tyger» (1794), de William Blake. Compare-se «a Força primitiva/ Que produz a monera, o tigre, a rosa» com «Did he who made the Lamb make thee [tyger]?»

Imponentemente feio, de uma fealdade fidalga, simpática, à Mirabeau e à Gonçalves Crespo. E levemente prógnato – Martins parecia, e era porventura, um parente selecto e superior de remotos sarracenos, beliscado por longínquos, mas claros, atavismos etiópicos<sup>11</sup>.

José de Lacerda interpõe aquilo que considera a verdade às formas convencionais do elogio mútuo, sustentando na «ciência» a comemoração de um génio que seria um santo: «E agora – finda esta biopsia austera em que pus escrupulosamente a justiça máxima de que sou capaz, em que toda a afeição foi jugulada pela expressão severa da verdade [...]» (p. 310). Descrito como o «mestre que ensinou o meu pensar», Sousa Martins é a encarnação de uma antítese («artista demais para clínico, excessivamente poeta para médico»), com implicações na vida e obra de José de Lacerda.

Nas conclusões de *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral*, José de Lacerda relaciona o *mal-de-viver* (uma suposta psicose social) com o campo da arte e da ciência. O resultado é um tardio cansaço finissecular, que compensa a insinceridade com o histrionismo. A sinestesia (sinédoque da actividade literária) é qualificada como lamentável alucinação, corrosivo agente patogénico causador do mal-de-viver. Amarrado a uma concepção de arte «cujo fim natural e enorme é educar superiormente o sentimento humano», só resta a José de Lacerda compensar de modo frustrante as limitações da criação com o cientificismo da análise:

A ciência e a arte contemporâneas, cada uma delas considerada na totalidade abstrusa e doentia das sugestões que realiza, são poderosos agentes patogénicos do mal de viver. A ciência [...] abarrota o cérebro moderno com sugestões tão antagónicas, com ideias tão contrárias, que algumas delas importam a radical anulação das outras. [...] A arquitectura, a escultura, a pintura e a música actuais, na maior parte das suas produções, ou se quedam na imitação servil do passado, ou substituem, em inovações mórbidas, a sinceridade pela extravagância, as altas sensações estéticas pela rebusca extenuante do exótico<sup>12</sup>.

---

11 LACERDA, José de, «Um Homem...», in *Sousa Martins: In Memoriam*, Lisboa, Casa da Moeda, 1904, p. 301.

12 José de LACERDA, *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral*. Lisboa, Livraria de José A. Rodrigues, 1901, p. 183.



**BIBLIOGRAFIA:**

- BRAGA, Marques, VIEIRA, Afonso Lopes, LIMA, Magalhães (org.), *Quinquagenário – 1858-1908 – Cinquenta anos de actividade mental de Teófilo Braga julgados pela crítica contemporânea de três gerações literárias*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1908, pp. 55-58.
- CÂMARA, José Bettencourt da, «Eça de Queirós e Francisco de Lacerda», *Revista Colóquio/Letras*, n.º 134 (Outubro, 1994), pp. 73-83.
- CÂMARA, José Bettencourt da, *O Essencial sobre Francisco de Lacerda*, Lisboa, IN-CM, 1997.
- CURADO, Manuel, «A descoberta do inconsciente no século XIX português», in *Diacrítica - série Filosofia e Cultura*, n.º 26/2, 2012, pp. 157-182.
- LACERDA, João Caetano de Sousa e (introd., fixação do texto e notas por Teresa e José Bettencourt da Câmara), *Cartas a Francisco de Lacerda*, Angra do Heroísmo, Dir. Reg. dos Assuntos Culturais, 1988.
- LACERDA, José de, *Hecatombe: A propósito do incêndio do teatro Baquet*, Porto, Typ. de Viúva Gandra, 1888.
- LACERDA, José de, *Flor de Pantano*, Lisboa, M. Gomes, 1891.
- LACERDA, José de (pref. de Sousa Martins), *Os Neurasténicos*, Lisboa, M. Gomes, 1895.
- LACERDA, José de, *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral*. Lisboa, Livraria de José A. Rodrigues, 1901.
- LACERDA, José de, *Algumas palavras sobre interesses açorianos pronunciadas na Câmara dos Deputados e ampliadas depois, com ligeiras notas a respeito do parlamentarismo português, e sobre a origem geológica, a situação geográfica, o clima, a flora, a fauna terrestre e marítima, o descobrimento, a colonização e a navegação do arquipélago dos Açores*, Lisboa, Livraria Rodrigues e Co., 1902.

- LACERDA, José de, «Um Homem...», in *Sousa Martins: In Memoriam*, Lisboa, Casa da Moeda, 1904, pp. 301-310.
- LACERDA, José de, «A ‘Alma Nacional’ e o ‘Luar de Janeiro’», *Alma Nacional*, n.ºs 10 (14 Abr. 1910), 11 (21 Abr. 1910), 14 (12 Maio 1910) e 15 (19 Maio 1910).
- LACERDA, José de, «Raça e alma portuguesa (notas)», *Alma Nacional*, n.º 25 (28 Jul. 1910).
- MAGALHÃES, Nuno José Almeida, *A Obra do Arquitecto Álvaro Machado* [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE, 2007.
- MODERNO, Alice de, *Açores: Pessoas e Coisas*, Ponta Delgada, Typ. Popular, 1901.
- PEREIRA, José Morgado, «A obra de José de Lacerda e a evolução do pensamento médico», in *Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI. Cadernos de Cultura*, n.º XVIII, 2004.